


**A FESTA DO BOI PINTADINHO DE MUQUI-ES COMO UMA ECOLOGIA DE SABERES: BREVE ANÁLISE ETNOMATEMÁTICA DA RESISTÊNCIA CULTURAL E DA MEMÓRIA COMUNITÁRIA**

**THE FESTIVAL OF THE BOI PINTADINHO OF MUQUI-ES AS AN ECOLOGY OF KNOWLEDGE: A BRIEF ETHNOMATHEMATICAL ANALYSIS OF CULTURAL RESISTANCE AND COMMUNITY MEMORY**

**EL FESTIVAL DEL BOI PINTADINHO DE MUQUI-ES COMO ECOLOGÍA DEL CONOCIMIENTO: UN BREVE ANÁLISIS ETNOMATEMÁTICO DE LA RESISTENCIA CULTURAL Y LA MEMORIA COMUNITARIA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n10-129>

**Data de submissão:** 10/09/2025

**Data de publicação:** 10/10/2025

**Arthur Constantino Dutra da Silva**

Mestrando em Educação em Ciências e Matemática

Instituição: Instituto Federal do Espírito Santo

E-mail: professorarthurdutra@gmail.com

**Daniele Furieri Rigo**

Mestrando em Ciência Tecnologia e Educação

Instituição: Centro Universitário Vale do Cricaré

E-mail: danielefurieri@gmail.com

**Claudia Alessandra Costa de Araujo Lorenzoni**

Doutorado em Educação

Instituição: Instituto Federal do Espírito Santo

E-mail: claudia.araujo.lorenzoni@gmail.com

---

## **RESUMO**

Este artigo analisa a Festa do Boi Pintadinho, manifestação Carnavalesca de Muqui (ES) e variação regional do Bumba meu Boi, com foco em seu papel cultural e social. Adota-se uma perspectiva etnomatemática para observar as dinâmicas e práticas da festa, propondo uma abordagem transdisciplinar que investiga como essa manifestação popular transcende a herança do folguedo e se configura como um espaço de resiliência, resistência e identidade. O estudo apresenta a festa como um complexo ecossistema de saberes, corpos e formas de existência, cuja ecologia social se define como uma ecologia da memória, evidenciada pela capacidade da manifestação de se adaptar e transcender fronteiras. Conclui-se que a celebração do Boi Pintadinho oferece um modelo para repensar a educação e a sustentabilidade, ao valorizar a diversidade cultural e os saberes locais.

**Palavras-chave:** Boi Pintadinho. Etnomatemática. Resistência Cultural.

## **ABSTRACT**

This article analyzes the Boi Pintadinho Festival, a Carnival event in Muqui, Espírito Santo, and a regional variation of Bumba meu Boi, focusing on its cultural and social role. It adopts an ethnomathematical perspective to observe the festival's dynamics and practices, proposing a transdisciplinary approach that investigates how this popular event transcends the tradition of revelry

and becomes a space of resilience, resistance, and identity. The study presents the festival as a complex ecosystem of knowledge, bodies, and forms of existence, whose social ecology is defined as an ecology of memory, evidenced by the event's ability to adapt and transcend borders. It concludes that the Boi Pintadinho celebration offers a model for rethinking education and sustainability by valuing cultural diversity and local knowledge.

**Keywords:** Boi Pintadinho. Ethnomathematics. Cultural Resistance.

## **RESUMEN**

Este artículo analiza el Festival del Boi Pintadinho, un evento de carnaval en Muqui, Espírito Santo, y una variante regional del Bumba meu Boi, centrándose en su rol cultural y social. Adopta una perspectiva etnomatemática para observar las dinámicas y prácticas del festival, proponiendo un enfoque transdisciplinario que investiga cómo este evento popular trasciende la tradición de la fiesta y se convierte en un espacio de resiliencia, resistencia e identidad. El estudio presenta el festival como un ecosistema complejo de conocimientos, cuerpos y formas de existencia, cuya ecología social se define como una ecología de la memoria, evidenciada por su capacidad de adaptación y transgresión de fronteras. Concluye que la celebración del Boi Pintadinho ofrece un modelo para repensar la educación y la sostenibilidad mediante la valoración de la diversidad cultural y los saberes locales.

**Palabras clave:** Boi Pintadinho. Etnomatemáticas. Resistencia Cultural.

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 ECOLOGIA, CULTURA E A DANÇA DA MEMÓRIA

A existência humana é estreitamente ligada ao ambiente, em uma relação de mútua transformação. A ecologia social, nesse sentido, transcende a observação das interações biológicas para analisar as complexas redes de relações que conectam seres humanos e não humanos, suas sensibilidades e os contextos naturais que habitam. É nesse espaço de intersecção que a cultura se desenvolve como um sistema dinâmico, onde práticas de resistência, transmissão de saberes e produção de vínculos comunitários se manifestam de formas diversas.

Analisar essas ecologias de saberes culturais permite buscar compreender as nuances que dão sentido à existência de grupos socialmente marginalizados em termos de direitos e justiça. Permite também observar os detalhes que se contrapõem à finitude, pois, como afirma D'Ambrosio:

O conhecimento das tradições é compartilhado pelo grupo. Continuar a pertencer ao grupo, mesmo após a morte, depende de assumir, em vida, o comportamento que responda ao conhecimento compartilhado. Esse comportamento, compatível e aceito pelo grupo, é subordinado a parâmetros, que chamamos de valores (D'Ambrosio, 2023, p.36).

A memória do Boi e de seus praticantes perpetua-se em sua dança, um testemunho da resiliência e da vitalidade de um povo e de saberes ancestrais.

A festa do Boi Pintadinho em Muqui (ES), variante regional do Bumba meu Boi, constrói um espaço de resiliência onde corpo, emoção, sagrado, saberes e tradição se entrelaçam, assim, a festa não é apenas um folguedo, mas um ecossistema de conhecimentos e afetos. A Etnomatemática emerge como um referencial teórico para destacar como esses saberes, expressos em ritmos, formas e na organização coletiva, produzem conhecimentos matemáticos de modo não colonizado. O objetivo é demonstrar que a análise dessas ecologias culturais pode inspirar tanto a educação matemática quanto a concepção de sustentabilidade, não apenas ambiental, mas também cultural e afetiva.

Em um mundo interconectado, abordagens transdisciplinares se tornam cada vez mais necessárias. A ecologia não se restringe ao ambiente físico, mas abrange as relações sociais, culturais e afetivas que moldam a experiência humana. O corpo é um espaço de vivência e produção de conhecimento, e as emoções orientam as interações com o ambiente e com o outro. A festa do Boi Pintadinho, nesse contexto, surge como um estudo de caso relevante. Nela, a ecologia de saberes culturais se manifesta de muitas formas, revelando como tradições populares geram resiliência e mantêm a identidade em comunidades que, muitas vezes, enfrentam a marginalização. Através da dança, da música e dos saberes ancestrais, o Boi constrói um espaço de resistência, onde o corpo é

instrumento de expressão e o sagrado se integra ao cotidiano. É um convite para reconhecer a complexidade das culturas que se desenvolvem na adversidade.

## **2 MITOS, RITOS E A CELEBRAÇÃO DA VIDA**

O Boi Pintadinho constitui um elemento central no conjunto de manifestações culturais populares brasileiras conhecidas como Bumbas. Sua presença remete a antigas festas de fertilidade que celebram a vida e a renovação. A representação do boi mítico, sua morte e ressurreição, transcende fronteiras geográficas, constituindo um tema universal que remonta a cultos de fertilidade. Gonzales (2024) destaca a universalidade desse tema, conectando o folguedo brasileiro a uma ancestralidade mítica presente em diversas culturas:

A representação do boi mítico, de sua morte e sua ressurreição constituem tema universal, procedente de antigos cultos a divindades propiciadoras da fertilidade. E, desses cultos, o mais recuado historicamente é, sem dúvida, o do boi Ápis egípcio, que se difundiu na Europa via Grécia e Roma, integrando-se nas mais diversas elaborações mitológicas. Essa universalidade temática se presentifica no folguedo brasileiro (Gonzales, 2024, p. 77).

Uma universalidade é corroborada pela existência de festas de Bois em diversas culturas, como ressaltou Filho (1966). O autor traça um percurso histórico por essas manifestações, revelando uma rede de ligações e afinidades:

Festas de bois sempre existiram em vários outros países desde os tempos e Luiz da Câmara Cascudo (Dicionário do folclore brasileiro, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1954, pág. 126) cita várias, quer de origem religiosa, quer de origem pastoril, desde o boi Ápis, a vaca Ísis, o touro Mnérís, o boi Geroa, o boi São Marcos ao touro Guaque ou Huaco. É um nunca acabar de ligações, reminiscências, influências, afinidades (Filho, 1966, p.21).

Celebrações ancestrais como essas, revelam uma profunda relação entre as festas de fertilidade, a agricultura e a ecologia. O Boi, em suas múltiplas formas, surge como símbolo dessa interdependência e guardião de saberes que celebram a vida e a resiliência da cultura popular. O Bumba-meu-boi, em sua formação, é um sincretismo artístico-folclórico-religioso, como descreve Filho (1966). Essa capacidade de conter diversas expressões culturais confere ao Boi sua vitalidade, transformando-o em um espetáculo popular completo:

Como quer que seja, o Bumba-meu-boi, na sua formação, lançou mão de todos os elementos do romanceiro, da literatura de cordel, das toadas de pastoril, de canções populares, de louvações, de loas, de tipos populares, de assombrações, do bestiário, a tudo acrescentando a improvisação dos diálogos e as danças, na fixação do mais importante espetáculo popular, num sincretismo artístico-folclórico-religioso das mais completos (Filho, 1966, p.20).

Essa capacidade de incorporar e ressignificar diferentes manifestações culturais é o que confere ao Boi sua relevância contínua. Cavalcanti (2006) destaca a diversidade regional das brincadeiras de boi como um testemunho da criatividade e da adaptabilidade do povo brasileiro:

Um boi-artefato, que baila, morre e ressuscita, é foco de brincadeiras pelo país afora: ‘Boi-Bumbá’, no Amazonas e no Pará; ‘Bumba-meu-boi’, no Maranhão; ‘Boi-calemba’, no Rio Grande do Norte; ‘Bumba-de-reis’ ou ‘Reis-de-boi’, no Espírito Santo; ‘Boi-pintadinho’, no Rio de Janeiro; ‘Boi-de-mamão’, em Santa Catarina, entre outros. Para além da diversidade regional expressa nessas denominações, o conjunto de variantes da “brincadeira do boi” é heterogêneo e vital (Cavalcanti, 2006, página 1).

A noção evolucionista de mito, que atribui ao boi que morre e ressuscita a significação de ícone popular, propicia ao folguedo uma “estrutura central” ou “núcleo fixo”. Esse eixo é dramatizado no “entrecho” central, ao qual se acoplam múltiplas encenações (Cavalcanti, 2006, p.3).

Uma estrutura mítica que sustenta a complexidade do folguedo, permitindo que ele se desdobre em diversas formas de expressão. Assim, o Boi não é apenas uma representação, mas uma performance que envolve a todos, inclusive o público, numa fusão de assistentes e atores. Filho (1966) aponta que a festa do Boi é um convite à participação, onde as fronteiras entre espectador e atuante se dissolvem:

Num espetáculo como o Bumba-meu-boi aliás (do mesmo modo que acontece com o mamulengo), todos representam, até mesmo o público. Todos participam da “brincadeira”, numa fusão completa de assistentes e atores, derrubada de vez a clássica quarta parede dos espetáculos da cena à italiana, isto é, do palco tradicional de uma plateia (Filho, 1966, p.24).

A participação coletiva e a capacidade de adaptação do Boi reforçam sua importância como um fenômeno cultural em constante transformação. O Boi Pintadinho, como parte do universo dos Bumbas, é um fenômeno cultural cujas raízes se encontram no jogo, no brincar e no mito. Huizinga (2019) afirma que as grandes forças da vida civilizada brotam desse solo fértil do jogo, revelando sua importância para a construção da sociedade: “Ora, é no mito e no culto que têm origem as grandes forças instintivas da vida civilizada: o direito e a ordem, o comércio e o lucro, a indústria e a arte, a poesia, a sabedoria e a ciência. Todas elas têm suas raízes no solo primevo do jogo.” (Huizinga, 2019, p.11).

Essa perspectiva permite compreender o Boi como um espaço onde o lúdico se entrelaça com o sagrado, gerando significação cultural e uma dimensão estética que transcende o entretenimento. “Em suas formas mais complexas o jogo está saturado de ritmo e de harmonia, que são os mais nobres dons de percepção estética de que o homem dispõe. São muitos, e bem íntimos, os laços que unem o jogo e a beleza.” (Huizinga, 2019, p.13). O jogo cultural, e por extensão a festa do Boi,

Ornamenta a vida, ampliando-a, e nessa medida torna-se uma necessidade tanto para o indivíduo, como função vital, quanto para a sociedade, devido ao sentido que encerra, à sua significação, a seu valor expressivo, a suas associações espirituais e sociais, em resumo, como função cultural. Dá satisfação a todo o tipo de ideais comunitários (Huizinga, 2019, p.15).

A festa do Boi é uma função cultural que se fixa como fenômeno a ser conservado pela memória e transmitido como tradição.

E há, diretamente ligada à sua limitação no tempo, uma outra característica interessante do jogo, a de se fixar imediatamente como fenômeno cultural. Mesmo depois de o jogo ter chegado ao fim, ele permanece como uma criação nova do espírito, um tesouro a ser conservado pela memória. É transmitido, torna-se tradição (Huizinga, 2019, p.16).

A representação sagrada, central nas festas de Boi, é uma realização mística onde o invisível adquire forma. Os participantes do ritual acreditam que o ato concretiza uma ordem de coisas mais elevada. Essa dimensão mística confere ao Boi sua capacidade de transcender o cotidiano. As festas de Boi, como as saturnais e os costumes carnavalescos, indicam uma suspensão temporária da vida social normal, um período em que o grupo celebra os acontecimentos da vida da natureza, como a mudança das estações, o crescimento das colheitas e os ciclos de vida e morte.

## 2.1 A TRAMA INVISÍVEL DOS SABERES: ETNOMATEMÁTICA E A POESIA DO BOI

A Etnomatemática, utilizada como referencial analítico, permite observar a complexidade dos saberes orgânicos às manifestações culturais como o Boi Pintadinho. Não se trata apenas de práticas numéricas ou geométricas, mas de um sentido humano que emerge em representações sociais simbólicas. Vergani (2007) alerta para a superficialidade de uma análise que desconsidera a profundidade intencional desses saberes:

A consciência de que as atividades matematizantes das diferentes tradições socioculturais não se reduzem a meras práticas numéricas, geométricas ou operativas. Trazem em si uma forte carga de sentido humano e emergem sob a forma de representações sociais simbólicas. Olhá-las como simples atividades de cálculo ou exploração espacial é esvaziá-las dos conteúdos intencionais que se tornam veículos de um saber profundamente significativo (Vergani, 2007, p. 9).

A Etnomatemática, portanto, propõe um olhar que transcende o formal, reconhecendo a matemática presente nas atividades cotidianas, nos ritmos, nas formas e na organização da festa. É uma abordagem que se conecta à história, ao bem-estar coletivo e à justiça social. Vergani (2007) complementa, delineando a amplitude dessa abordagem:

Contar, localizar, medir, esquematizar, jogar e explicar são atividades que envolvem perspectivas teórico-práticas e expressão crítica. A etnomatemática não só atende à antropologia, à psicologia cognitiva, à linguagem verbal e à expressão estética ou lúdica. A sua abordagem epistemológica liga-se à história, ao bem estar coletivo, à justiça social. A sua abordagem pedagógica escuta, simultaneamente, o senso comum, o desafio das mudanças sociais e o desenvolvimento tecnológico (Vergani, 2007, p.38).

Nesse sentido, o corpo em movimento na dança do Boi torna-se um instrumento etnomatemático. Os saberes que se manifestam na festa, como a criação coletiva e a improvisação, produzem uma espécie de saber matemático não colonizado:

As distintas maneiras de fazer [práticas] e de saber [teorias], que caracterizam uma cultura, são parte do conhecimento compartilhado e do comportamento compatibilizado. Assim como comportamento e conhecimento, as maneiras de saber e de fazer estão em permanente interação. São falsas as dicotomias entre o saber e o fazer, assim como teoria e prática (D'Ambrosio, 2023, p.20).

Um olhar etnomatemático, ao privilegiar o raciocínio qualitativo, conecta-se a questões maiores, de natureza ambiental ou de produção, e raramente se apresenta desvinculado de outras manifestações culturais, como a arte ou a religião (D'Ambrosio, 2023, p.47). É nesse entrelaçamento de saberes que a festa do Boi Pintadinho se revela como um ecossistema de saberes, onde a matemática se manifesta de forma orgânica e enraizada na experiência humana. D'Ambrosio (2023, p.17-18) afirma que “O grande motivador do programa de pesquisa que denomino Etnomatemática é procurar entender o saber/fazer matemático ao longo da história da humanidade, contextualizado em diferentes grupos de interesse, comunidades, povos e nações.” “Ela é parte do cotidiano e do universo no qual se situam as expectativas de crianças e adultos” (D'Ambrosio, 2023, p. 28).

Uma perspectiva etnomatemática propõe refletir sobre a própria concepção do conhecimento, tratando-o como um processo dinâmico e em constante evolução, em vez de um conjunto de verdades estáticas. Essa abordagem valoriza a agência humana, pois é

Consciente de que a produção/difusão de conhecimentos é um processo que envolve a transformação dos mesmos, apela para a liberdade solidária, criativa e crítica que torna o indivíduo um interveniente socialmente ativo no domínio da construção evolutiva dos saberes (Vergani, 2007, p. 13).

Esse protagonismo do indivíduo, no entanto, não ocorre de forma isolada, mas dentro de uma teia de interações coletivas. O conhecimento é, portanto, visto como um sistema socialmente construído, onde os significados são continuamente negociados. Nessa visão,



A concepção do conhecimento é olhada como um sistema relacional entre os indivíduos que comunicam e os objetos que são representados, isto é, as propriedades atribuídas aos objetos de estudo estão sujeitas a um processo contínuo de criação e de interpretação social de significações (Vergani, 2007, p. 30).

O campo onde essa construção relacional acontece é, por definição, híbrido. Conforme aponta Vergani (2007, p. 14), “a primeira característica híbrida da etnomatemática a levar em conta é o seu empenho no diálogo entre identidade (mundial) e alteridade (local), terreno onde a matemática e a antropologia se intersectam”. Essa interconexão entre o global e o local, o individual e o coletivo, e diferentes áreas do saber, consolida a visão de D’Ambrosio (2023, p. 47), para quem “a etnomatemática se enquadra numa concepção multicultural e holística”, oferecendo uma historiografia consoante com teorias que abordam a complexidade do conhecimento, inclusive no campo das ciências humanas.

## 2.2 RESISTÊNCIA, MEMÓRIA E A DANÇA DA IDENTIDADE

A ecologia social do Boi, para além de sua dimensão festiva, revela-se um campo para a compreensão das dinâmicas de resistência cultural. As festas populares brasileiras são mais que reproduções de modelos dominantes, são espaços de intervenção e ressignificação.

Todavia, quando analisamos de perto, verificamos uma espécie de ruptura dos limites impostos pelo modelo dominante. A intervenção de formas procedentes de outros modelos culturais – africanos e indígenas – torna-se crucial para compreensão da dinâmica das festas populares brasileiras (Gonzales, 2024, p. 46).

Nesse contexto, a festa do Boi Pintadinho emerge como um organismo capaz de se adaptar e manter a identidade em comunidades que enfrentam a marginalização. A narrativa central do Bumba-meu-boi, que envolve o roubo, a morte e a ressurreição do animal, simboliza a capacidade de superação e renovação. Gonzales (2024) descreve a trama que dá vida ao folgado:

Em sua versão mais conhecida, a composição dramática do auto conta história da escrava Mãe Catirina, mulher de Pai Francisco, que, grávida, deseja comer a língua do boi mais bonito da fazenda de um rico proprietário. Com a complacência do capataz, o boi é roubado e morto. A notícia se espalha, a revolta é geral, e o dono do boi manda prender Pai Francisco. Por intervenção mágica de feiticeros, o boi ressuscita, o culpado é perdoado, e tudo termina com muita festa em honra do boi redivivo (Gonzales, 2024, p. 78).

O personagem central do Boi Pintadinho não é um animal real, mas um boi de armação, cuja construção e manipulação envolvem saberes transmitidos entre gerações, um testemunho da criatividade popular. Além de sua capacidade de adaptação, o Boi Pintadinho demonstra a força da



memória e da transmissão de saberes. A ida do Bumba meu Boi para a Nigéria, levado por ex-escravos que retornaram à África, é um testemunho da capacidade dessa manifestação de transcender fronteiras e manter viva uma tradição.

Se o bumba meu boi ocupa lugar de destaque no quadro do folclore brasileiro, isso acontece porque, ao se adaptar às circunstâncias de lugar e tempo, ele demonstra um extraordinário vigor e uma especial maleabilidade. Cumpre ressaltar que, por isso mesmo, o bumba meu boi foi levado para a África, com todas as suas características brasileiras. Levado da Bahia para cidade de Lagos, na Nigéria, por ex-escravos que para lá retornaram após a abolição da escravidão. Vale notar que, enquanto “brasileiros”, seus descendentes não deixaram morrer uma tradição que lhes diz respeito (Gonzales, 2024, p. 81).

Essa jornada transatlântica do Boi é um exemplo de como as culturas populares são capazes de resistir e se reinventar. Neste contexto, a ecologia social do Boi define-se como uma ecologia da memória, da resistência e da celebração da vida, um convite a reconhecer a complexidade das culturas que se desenvolvem na adversidade.

## 2.3 O CANTO DA RESILIÊNCIA

A festa do Boi Pintadinho supera a classificação de mera manifestação folclórica para se configurar como um complexo ecossistema de saberes, corpos e práticas. A etnomatemática, ao se ancorar nos conhecimentos presentes nas práticas culturais do Boi, revela a riqueza de um saber que pulsa nas ruas, nas danças e nas interações comunitárias. A ecologia desses saberes do Boi, por sua vez, demonstra a capacidade de resiliência de comunidades que, através da arte e da tradição, constroem espaços de afirmação e celebração.

Ao analisar a dança do Boi, somos convidados a repensar a educação e a sustentabilidade, a valorizar a diversidade cultural e a buscar soluções que integrem o ambiente, a cultura e o afeto. A festa do Boi Pintadinho convida a uma reflexão sobre a concepção do conhecimento. A perspectiva etnomatemática, ao propor um diálogo entre identidade e alteridade, abre caminho para uma compreensão mais plural do saber. Essa abordagem desafia as dicotomias entre teoria e prática, reconhecendo a interconexão entre esses elementos.

A Etnomatemática, em sua essência, é um convite à liberdade criativa e crítica, que capacita o indivíduo como agente na construção dos saberes. Ao final, o Boi Pintadinho, em sua dança e história, oferece um modelo do que pode ser definido como uma ecologia de saberes, onde tradição e inovação, sagrado e profano, e matemática e vida se encontram.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Tema e variantes do mito: sobre a morte e a ressurreição do boi*. Mana, v. 12, n. 1, p. 69-104, 2006.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade*. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2023.

FILHO, Hermilo Borba. *Espetáculos Populares do Nordeste*. São Paulo: Buriti, 1966.

GONZALEZ, Lélia. *Festas populares no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. Tradução de João Paulo Monteiro. Revisão de tradução Newton Cunha. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. E-book.

VERGANI, Teresa. *Educação etnomatemática: o que é?*. Natal: Flecha do tempo, 2007.